



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 17 | Nº. 32 | Jan./Jun. de 2025

**Viviane Prado Bezerra**

*Universidade Estadual Vale do Acaraú / UVA.*

*vivianclio@yahoo.com.br*

**Francisco Ramon de Matos Maciel**

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte / UERN.*

*francisco\_ramon@uvanet.br*

**Tyrone Apollo Pontes Cândido**

*Universidade Estadual do Ceará / UECE.*

*tyrone.candido@uece.br*

**Adelaide Maria Gonçalves Pereira**

*Universidade Federal do Ceará / UFC.*

*adelaidemgpereira@terra.com.br*

# “COM UM GRANDE AMOR AOS LIVROS”: Adelaide Gonçalves, uma leitora militante.

---

## RESUMO

Nessa entrevista, Adelaide Gonçalves compartilha sua trajetória de vida acadêmica e militante. Eventos marcantes de sua atuação docente, como sua participação na ADUFCE, bem como, sua militância no MST, sua paixão incondicional pelos livros e pelo saber e a criação do Plebeu Gabinete de Leitura marcam os temas abordados nessa prazerosa conversa, em uma tarde de sábado.

**Palavras-chave:** Movimentos sociais; Militância; Docência.

---

## ABSTRACT

In this interview, Adelaide Gonçalves shares her academic and activist life story. Highlights from her teaching career, such as her participation in ADUFCE (Adjudicated Workers' Party), her activism in the MST (Municipal Workers' Movement), her unconditional passion for books and knowledge, and the creation of the Plebeu Gabinete de Leitura (Plebeu Reading Room), mark the topics covered in this delightful Saturday afternoon conversation.

**Keywords:** Social movements; Activism; Teaching.

Forte, potente, pulsante, anarquista. Incansavelmente, comprometida com a luta social. Mas também, sensível, acolhedora, generosa, amorosa com os seus. Abnegadamente, dedicada ao sabor do conhecimento libertário. Assim, é Adelaide Gonçalves, uma mulher que carrega consigo a complexidade de ser uma intelectual forjada nas leituras revolucionárias e nas experiências de vida partilhadas com trabalhadores e trabalhadoras, seja na alfabetização de adultos, quando jovem militante, na comunidade de Pirambu, em Fortaleza. Seja na sua vivência visceral com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST, o que certamente alterou completamente sua “estrutura de sentimento”, para lembrar Raymond Williams e E.P. Thompson, apenas duas das grandes inspirações teóricas de Adelaide.

Mas, Adelaide ainda é mais. É vivacidade. Como ela diz: " Eu, por exemplo, não tenho idade. Tem horas que eu tenho 18 de dia. À noite, tenho 67. Quando vou a uma manifestação, então, tenho 15, mas quando chego em casa, tenho mais de 60, porque dói tudo, não é?". É cor, brilho, irreverência, versatilidade no seu estilo de vestir, enfeitar-se e arrumar o cabelo, nos diversos tons de vermelho. Como revelou certa vez, numa entrevista para a *Revista Vós* (2016): "sempre gostei de me enfeitar... sempre fui louca por roupas e bijuterias". Digamos que Adelaide Gonçalves não é de se passar despercebida, mesmo sendo uma mulher com corpo pequeno e esguio. A grandeza de sua intelectualidade, sua personalidade forte e sua oratória performática mais do que atrai, captura quem a conhece. Não à toa, Adelaide foi madrinha da Parada Gay, de Fortaleza, em 2006. Sempre no combate a toda forma de opressão, Adelaide é vanguarda.

Adelaide Maria Gonçalves Pereira nasceu em 1958, em Tauá, Sertão dos Inhamuns, no Ceará. Filha mais velha de seu Cesídio, um barbeiro “de primeiras letras”, muito afeito à leitura e a compra de livros; e de dona Vilanir, que voltou a estudar já adulta e cursou faculdade em Sobral, enfrentando as estradas do sertão. “Fez concurso, foi ser professora, também, de História”. Adelaide recorda (lembra com o coração) dos anos vividos em Tauá. Em especial, do orgulho de seu pai ao vê-la, com apenas cinco ou seis anos de idade, “ler escorreitamente” para amigos e clientes, em sua barbearia. Recorda também do tio autodidata que sempre estimulava sua leitura, das primeiras professoras, como Irmã Mendes, que ensinava Português, “guardiã feroz do vernáculo e da língua culta”.

Aliás, emerge na narrativa de Adelaide um justo reconhecimento a muitos de seus mestres e mestras, com destaque para Luíza de Teodoro, Valdelice Girão, Maria do Carmo e Manfredo Oliveira, ao longo de sua formação acadêmica na Universidade Federal do Ceará – UFC, onde passou “a viver a universidade por dentro”.

Professora do Departamento de História da UFC, desde 1986, Adelaide Gonçalves construiu sua trajetória de vida “Entre Livros” e a militância, posto que afirma: “A minha militância eu realizo através dos livros. É uma militância efetiva porque é também afetiva, vai me religando ao que há de melhor na humanidade”. (Revista *Vós*, 2016). Recentemente, aposentada, continua sua jornada intelectual e militante se alimentando do “amor aos livros” e da sede por justiça social e liberdade, sempre em Movimento. Nessa entrevista, Adelaide nos fala com o coração e nos apresenta um repertório vasto de sua ação docente, mas também, da ativista política, social e intelectual que se fez ao longo de sua trajetória e que continua a ser.

**Ramon Maciel:** Quero agradecer, a professora Adelaide, por aceitar o convite para a entrevista da revista *Historiar*. Adelaide, quais foram os aprendizados que os movimentos populares trouxeram para sua trajetória como intelectual?

**Adelaide Gonçalves:** Os movimentos populares, de modo geral, movimentos sociais, como a literatura acadêmica gosta de nomear, é claro que foram, e são, fonte de permanente aprendizado na minha vida. Aprendizado e inspiração. E que me motivam, também, a ficar atenta ao mundo, a não soçobrar ante às vãs vaidades acadêmicas. Então, nesse sentido, eu sou filha de um tempo e de leituras de grandes, grandes historiadores e historiadoras que me ensinaram muito. E um dos principais aprendizados é precisamente esse: da gente se perceber no tempo e ter uma medida cada vez mais razoável do nosso tamanho e do nosso lugar no tempo. Porque quando a gente ingressa num universo dito acadêmico, com essas formalidades, com esses formalismos, de vez em quando a gente pode perder o pé na vida vivida, na vida como ela se passa, com suas dificuldades, seus dramas, suas tragédias, e essa é a perspectiva que a gente comum, que a gente que luta, que a gente que sofre, que a gente que está ali, à espreita, de uma melhor chance na vida para seguir adiante. Então, nesse sentido, a gente comum, os movimentos de cunho popular, *lato senso*, porque isso é um pouco impreciso, movimento popular, movimento social, pode ter aí

alguma imprecisão, mas não estamos falando, aqui, de conceitos. Estamos falando, aqui, da vida e de como homens e mulheres de gerações distintas se organizam frente às vicissitudes do seu tempo, às dificuldades do seu tempo, às esperanças que eles observam, tendo uma perspectiva de vida em comum. Então, eu procurei trazer para dentro da minha vida o que nunca esteve fora. Eu procurei fazer com que o lugar da universidade, o lugar da dita academia e essas vaidades, que são tão vãs, tão passageiras, não é? Não matasse em mim esse desejo de vida que a gente só encontra, portanto, na luta social.

**Viviane Prado:** Então, Adelaide, você consegue destacar alguns episódios que mais marcaram a sua trajetória de militância e de vida, nessa junção da vida com a academia?

**Adelaide Gonçalves:** Então, são tantos os fatos, são tantos os episódios, porque vamos falar de episódios familiares, vamos falar de episódios da vida estudantil, vamos falar das primeiras experiências de trabalho, ainda estudante. Saindo do ensino médio, ingressando na universidade, prestei concurso e me tornei professora numa escola pública, em Fortaleza. E tive muita sorte, muita sorte... eu trabalhei em duas escolas localizadas no que se chama Pirambu, ou Grande Pirambu... Então, eu ensinei nessas duas escolas públicas, foi um enorme aprendizado, que se fortaleceu muito mais, já na universidade, no ensino de graduação, porque aí no mesmo bairro eu passei a trabalhar à noite numa Associação de Moradores da rua São Curadares... Por dois anos, com intervalo de um mês em cada ano, com uma turma de adultos, para me desafiando, a realizar aquilo que eu havia discutido fora de sala de aula, em várias sessões muito amorosas e de grata memória, com a professora Luísa de Teodoro, com quem tive longas conversas. Foi minha professora no ensino de graduação em História, de História moderna, História contemporânea. E fora do ambiente de sala de aula, com ela eu travei longas conversas anotadas sobre Paulo Freire, sobre a educação como prática de liberdade, sobre a pedagogia do oprimido... Ora, isso também vai dizendo de como eu fui me constituindo aí nesses anos do ensino de graduação, que começam ali, acho que em 1976, se não estou em erro. Eu entrei na universidade como aluna de História, da graduação em História, muito jovem, eu tinha 17 anos. Muito jovem, mas com a experiência que a vida me obrigou, num certo sentido, porque eu já era trabalhadora, eu trabalhava manhã e tarde, num ramo absolutamente distante dos livros, do

ensino. Os livros para os quais eu me voltava no trabalho eram livros contábeis... E na graduação, portanto, eu tive uma vida que favoreceu muito o alargamento da minha humanidade, da minha perspectiva. Primeiro, esse favorecimento à liberdade, a tomar conta da própria vida, do próprio nariz, de ir fazendo a vida universitária, ir a pé para o restaurante, ir a pé, para o curso de História, ficava tudo na Avenida da Universidade. Quer dizer, e não era um universo restrito. Muito ao contrário, era um universo sempre alargado, porque na residência nós éramos só meninas, moças, mulheres, não é? Não era um sistema misto, mas éramos todas de um lugar diferente, o que foi também muito bom. Eu, a partir dessa vivência, visitei os lugares de onde eram aquelas amigas, aquelas colegas, cada uma também de um curso diferente, então era muito bom. Era muito bom, havia muita camaradagem, havia muita liberdade, e era muito bonita a casa. O restaurante, por igual, era um momento de muita conversa, de troca de jornais, de troca de livros... Eu já tinha deixado esse emprego muito ruim, onde eu estava anteriormente, e já era, portanto, bolsista de um programa de extensão na Universidade Federal do Ceará, que era precisamente vinculado a educação comunitária. Olha que coisa boa. Então, as coisas foram, por assim dizer, se ajustando. Ir ao restaurante universitário era levar embaixo do braço o jornal *Em tempo* e trocar com outro que tinha assinatura do *Pasquim*, tinha um outro que não tinha assinatura, mas que conseguia comprar *O Movimento*, um outro era o *Opinião*. Então, todos nós liamos esses periódicos, todos nós buscávamos uma informação para além da sala de aula, propriamente dita... Então, morei numa Residência Universitária, me alimentei no Restaurante Universitário, e seja a moradia na Residência, seja o convívio no Restaurante Universitário, foram lugares muito intensos, lugares de muita liberdade.

**Tyrone Cândido:** Adelaide, ainda falando um pouco da universidade, mas da universidade como um campo de saber. Que diálogo a universidade tem ou poderia ter com os movimentos sociais e populares da nossa sociedade?

**Adelaide Gonçalves:** Tyrone, eu vejo, eu percebo, se a gente se quedar para um olhar adstrito à institucionalidade, se esse for o caminho, que não é o meu. Então, puxa, demos saltos. Temos aí currículos mais avançados, mais atualizados, perspectivas, digamos, bastante inovadoras no que respeita aos métodos, no que respeita ao acesso à novas práticas historiográficas. Temos aí legislação, que favorece, temos sistema de cotas, temos algumas possibilidades

do estudante universitário ter alguns, entre aspas, direitos alargados no que respeita a restaurante, a bolsas de iniciação científica, de iniciação à docência, de pesquisa, etc. Esse é um olhar institucional. Aí a gente pode se regozijar e pode ficar muito tranquilo e dizer; “puxa, demos passos e avançamos muito”. Eu não consigo observar dessa perspectiva. Eu não consigo... Do meu ponto de vista, a universidade pública se agrilhoa cada vez mais, a perspectivas burocráticas, burocratizantes no seu formato, no seu feitio, no modo de realizar o ensino da pós-graduação, você cria um mestrado, se você não cria em seguida um doutorado, você tem a morte acadêmica decretada. Os programas de Estágio de Pós-doc não são hoje o que eles representavam há 20 anos atrás, por exemplo. Então, eu não sou uma otimista relativamente ao estado atual da Universidade Pública Brasileira. Penso que ela está cada vez mais quedada, digamos, a realizar feitos burocráticos. Não vejo que a Universidade se põe como tarefa e como missão. Inclusive, nós estamos falando de um país pobre, nós estamos falando de um país dependente, nós estamos falando de um mundo convulsionado pelo avanço da guerra como feitio de realização dos estados terroristas. Então, eu não vejo na universidade um programa humanista, um programa em que se tenha uma missão. Nós estamos no Ceará, e no Ceará, no Nordeste do Brasil, e abaixo da linha do Equador, e tão próximos à África, e tão distantes da África, e tão próximos à vida, e tão distante à vida que pulsa lá fora... Ora, não vejo prosperar grandemente entre nós, e não vou me referir às outras áreas, porque não quero fazer aqui uma argumentação judiciosa. Longe de mim. Tampouco, tenho receitas. Estou dizendo do que eu sinto, do que eu penso, do que eu vivi, do que eu vivo, não é? Mas, eu não vejo nas nossas práticas docentes, elas serem grandemente irrigadas, pela literatura, pela poesia, pelas artes da resistência e pela vida, como ela se processa lá fora... Nesse sentido, eu penso, Tyrone, Vivi e Ramon, que nós estamos ainda muito distantes de uma perspectiva que mobilize, para lembrar Williams e Thompson, e tantos outros da nossa grande estima, que mobilize a nossa estrutura de sentimentos, que mobilize a estrutura de sentimentos dos estudantes com os quais convivemos, que eles tenham conosco a possibilidade de ver filmes, de irmos ao teatro, de realizarmos a nossa humanidade por esse meio. Eu sou o que sou, e eu devo grandemente às leituras.

**Ramon Maciel:** Adelaide, você poderia falar como foi viver naquele momento da ditadura militar, empresarial, em Fortaleza?

**Adelaide Gonçalves:** Para ficar na minha experiência, nesse período, eu não participei, como estudante universitária, do movimento estudantil. Não acho que tenha sido uma pena, nem que tenha sido bom. Foi como foi. Então, eu participei já como jovem estudante, com 18, 19, 20 anos de idade, de movimentos de cunho político, no sentido da luta social. De modo que, só para dizer aqui um deles, o Movimento Cearense contra a Carestia... Então, eu participava, também, com colegas, estudantes universitários, em maioria, mas alguns secundaristas, também, em menor medida. Participávamos desse Movimento., Mas, eu tive alguns aprendizados que mudaram para sempre a minha sensibilidade, a minha vida nesse período. Relato uma, eu já disse ali atrás, foi esse convívio numa comunidade de gente miserável, no Pirambu, nessa rua São Curadares, nessa prática de educação com adultos, com adultos... Eu já falei sobre isso. Mas, há outro fato que me marcou muito, em termos de sensibilidade. Jovens estudantes, em maioria mulheres. Mas, alguns rapazes muito bacanas, um deles tornou-se meu par por vários anos na minha vida, um rapaz, eu acho que era o mais bonito da Universidade, Daniel, é o seu nome, Daniel Colares, um rapaz muito bacana, tivemos uma história muito bonita. Mas bem, aos sábados, um grupinho de seis, às vezes oito, variava. Aos sábados, nós íamos todas ao Instituto Penal Paulo Sarazatti. Era visita semanal aos presos políticos. Isso, para mim, alterou muito, porque não era no livro que eu estava estudando, não era vendo algumas figuras notáveis no jornal Opinião, no jornal O Movimento, no jornal Em Tempo, ou nas entrevistas do Pasquim. Eu estava dentro de um presídio todos os sábados. Nós fazíamos isso e nós tínhamos ali, ainda estamos falando de 1978. E nós tínhamos ali ainda quase 20 pessoas, 20 homens encarcerados. Um deles, que tornou-se meu grande amigo, Mário Albuquerque, havia entrado ali, já estava ali, de outras prisões para aquela, a quase 20 anos, ele havia entrado ali com 19 anos. Então, isso alterou sensivelmente a minha perspectiva de entender. Ali eu conheci um senhor absolutamente notável, ele era trabalhador na indústria têxtil, era tecelão. Nossa, eu conversava tanto com ele. Então, eram vários, cada um de um tipo de formação, de um tipo de origem. O outro era garçom, o outro vinha das fileiras do PCB, o outro vinha de outras organizações... Esse fato alterou muito a minha sensibilidade, a minha perspectiva, e eu sabia qual era o lado da

história para onde eu não... donde eu não poderia arredar pé. Então, estive nas passeatas, estive nas manifestações, fiz faixa, fiz todas as coisas que se deve fazer. Certamente, estava entre os que choraram na praça do Ferreira... no dia da votação da emenda Dante de Oliveira. Lembro muito. Então, eu penso que me forjei de modo muito interessante, porque esse período da luta contra a ditadura foi um período, portanto, onde a gente tinha grupos de estudo, onde a gente, aos fins de semana, com os nossos dinheirinhos, quase todos tínhamos alguma bolsa de extensão ou tínhamos algum tipo de provento de um pequeno emprego, de um pequeno bico, e trocávamos os nossos livros, e, portanto, o mundo se estilhava. Quando a gente se encontrava, e agora nós vamos ler o Tacão de Ferro, do Jack London, nenhum de nós saiu da leitura do Tacão de Ferro do modo como entrou. Nenhum de nós saiu da leitura de Spartacus como entrou. Nenhum de nós saiu da leitura de Dostoiévski como entrou, nenhum de nós. Então, a gente tinha uma dedicação boa à literatura e, também, à literatura brasileira, por certo.

**Tyrone Cândido:** Adelaide, em 1986, você ingressou no curso de História da UFC como professora, numa trajetória que você consolidou até a sua aposentadoria, recentemente. Eu, pessoalmente, eu tive a felicidade de cursar algumas disciplinas na graduação com você, que você ministrou, e, também, na pós-graduação. Eu considero que foram momentos inesquecíveis, e eu sei que isso, também, se estende a Viviane, a Ramon, todos tivemos essa impressão. Mas, particularmente, as aulas de Introdução aos Estudos Históricos na graduação, creio que foram decisivas para a minha trajetória como historiador. Você pode falar um pouco sobre suas experiências no ensino universitário?

**Adelaide Gonçalves:** Sim. Eu ingressei como professora, acho que foi em 86, se não estou em erro. Eu tenho 67 anos, nasci em 1958, isso eu sei, isso é fato. Mas acho que foi em 86, no segundo semestre, e tive uma banca excelente. Eram vários concorrendo, era concurso para professor auxiliar, posto que era diminuto no, aspas, mercado, de candidaturas à docência, graus de mestre. Doutor, nem pensar. Eram poucos que tinham mestrado no curso de História quando eu ingressei. Pouquíssimas pessoas. E foi muito boa a banca, foi muito bom. Eu ainda guardei a prova escrita. Foi muito bom. História e ideologia, era o tema. Era o tema mais difícil para mim, de todos. E eu consegui chegar a bom termo naquele ponto porque eu tinha tido aulas de Introdução à Filosofia na

graduação com o professor Manfredo Oliveira. Quem tem aulas com o Manfredo Oliveira não esquecerá jamais a sua performance, o seu modo, a sua vastíssima cultura e adesão aos livros e às leituras, mas há um modo que não nos distanciava dele. Ele era muito humano, como é... E ingressei como professora no ensino de graduação em história, na UFC. E fui colega, portanto, de todos os meus professores. Isso, a um só tempo, era desafiante... E tive essa enorme sorte de ficar com Introdução ao Estudo da História, ou Introdução aos Estudos Históricos... Mas bem, no primeiro momento eu ainda me ative grandemente ao programa, que era o programa, registrado, oferecido... Mas, a pouco e pouco, eu fui me desgarrando desse repertório ou desses formalismos na bibliografia recomendada. E tive essa grande sorte, por quê? A posteriori, vários ex-alunos, vários, não vou nomeá-los aqui, mas vários dizem: “professora, eu segui o curso de História depois da disciplina Introdução aos Estudos Históricos”... Então, Tyrone, Vivi, Ramon, foi muito bom, porque depois, algumas reformas, algumas mudanças se foram operando na grade curricular e teve uma disciplina que seguia a Introdução aos Estudos Históricos, que era a Introdução à Prática Profissional. Então, era uma sequência, tanto no tempo da aula, quanto no modo de reflexão. Porque para mim, motivava... Mas, para mim, era muito constrangedor, no mínimo. A gente está em uma esquina e era só atravessar a rua, e tinha ali o Museu de Arte da Universidade, e a gente não frequentava aquele espaço. Então, eu já fiz muitos trabalhos com os alunos, com as turmas, naquele museu, isso foi muito com o pessoal de Introdução, de Teoria 1 e de História Contemporânea. Então, não chamávamos instalações, essa palavra, ela é de depois, mas aí eram exposições sobre a Comuna de Paris... E aí, como é que eu fazia? “Olha, hoje, no final da aula, vamos ali, naquele lugar onde estão construindo a estação do metrô”. E isso é coisa de décadas. E aí a gente conversava. Aí a gente explicava: “olha, a gente é estudante de história. Acolá tem um museu, a gente quer fazer um trabalho lá no museu, vocês podiam participar conosco? Por exemplo, vocês podiam, no fim da jornada de trabalho, juntar para nós coisas inservíveis?”. Aí eles nos entregavam luvas, aquelas luvas de borracha, que já estavam bastante deterioradas. Um chegou a nos dar um carrinho de mão bastante ruim. Aquele carrinho de mão a gente encheu de carvão, e com o carvão a gente escreveu em jornais e tal, que a gente pôs no chão da maior sala do museu, e a gente escreveu ali o poema do Brecht sobre

o frio e sobre o que é comum. E a gente fez, assim, enorme, naquele vão do museu, o pé direito altíssimo, com a técnica que nos foi ensinada, um retrato enorme da Louise Michel. E aí os trabalhadores do metrô, aquelas luvas, a gente chamou um dia, eles foram, não eram muitos, mas eram quatro, a gente encheu aquelas luvas de jornal, e aquelas luvas viraram instalação, eram mãos se dirigindo aos céus da Comuna de Paris. Então, são coisas assim, Tyrone, que me dão a certeza da possibilidade, porque isso não significa inovar o ensino de história, não se trata disso. Significa trazer a vida da história para a sala de aula... A exposição sobre o 1º de maio foi uma coisa magnífica... Lembro que a gente pôs no vão central do museu as esculturas formidáveis do acervo do museu, e era como uma grande fila, e lá no cume, daquela fila, estava uma bota de militar, não é? E para ser derrubada. Então, foi uma coisa muito bacana. Eu me lembro demais... Então, havia alegria nesse quefazer, havia uma aposta em entender as possibilidades que o ensino de história nos dava. E outra coisa, que a mim me mortificava era que os alunos não conheciam a cidade... Então, eu procurava, o mais que eu podia, levá-los à cidade como ela é, com seus desvãos. As vilas operárias... Mostrar essa cidade, sucessivamente alvo da destruição dos incorporadores, da indústria imobiliária e dos sucessivos prefeitos que ajudam a destruir a cidade. De modo, que em Introdução aos Estudos Históricos foi o meu batismo de sangue, de fogo. Foi onde compreendi a força antifascista do nosso historiador francês magnífico, não é? Marc Bloch, do nosso historiador francês, um livrinho inesquecível... E, portanto, foram esses textos muito bons, mas havia um poema, havia uma canção, filmes. Eu quase nunca ocupei a aula com filme porque não dá tempo para ver e para discutir. Então, muito mais adiante, depois do restaurante universitário, quem quisesse, nada era obrigado. A gente via filmes ali no auditório da história, a gente via filmes. O que quero dizer para vocês, eu não quero dizer que eu fui uma grande professora, porque eu fui, não, eu sou, eu continuo sendo professora. Eu apenas quero dizer que eu dei o melhor da minha energia... Então, muito mais adiante, muito mais adiante, a última disciplina que eu ensinei na graduação, no quadro regular, foi chamada optativa. E eu já tinha a carga horária completa, mas disse: "olha, eu gostaria dessa disciplina optativa", e montei esse programa História Social da Pobreza. E ali tinha muitos livros, e ali a gente discutia muito... Então, esse curso, História Social da Pobreza, foi fundamental para mim, e eu suponho que para alguns

alunos. Eu dei o meu melhor, levando a vasta literatura... Dando um salto, a disciplina que marcou a minha saída da Universidade, eu não precisava ter saído, mas ali era o momento de sair. Foi essa disciplina contra o golpe, que a gente, no título, não era com esse título, contra o golpe, era sobre o golpe. Foi de 2016. E foi, talvez, a melhor experiência que eu tive, como experiência de síntese. Eu já tinha lido muito, já tinha estudado muito. Então, era uma vez por semana, à noite, de seis às dez da noite. E vinha gente de tudo quanto era lugar. Havia menino da medicina, da odonto, das engenharias, das agronomias, da economia, do direito, da psicologia, e até da história. E até da história. Havia um público muito bacana. Então foi muito legal. Eu terminei o ensino de graduação com essa disciplina, na terceira turma. A última sessão foi o lançamento do livro E. P. Thompson Antifascista. Foi essa última sessão. Eles não sabiam que eu estava saindo. Eu não fiz disso uma bandeira. Mas fizemos, editamos o livro. E lançamos o livro...

**Viviane Prado:** Durante o período de 1991 a 1993, você participou da diretoria da ADUFCE (Sindicato dos Docentes das Universidades Federais do Estado do Ceará), em que foi um período de grandes ataques da agenda neoliberal contra as Universidades públicas. A gente quer saber um pouco sobre as lutas em prol do sindicalismo combativo e sobre as greves desse tempo. E o que você pensa sobre o papel da Universidade pública em nossa sociedade.

**Adelaide Gonçalves:** Quando eu entro na Universidade, eu tive muito cuidado com a coisa da formação. Muito cuidado. Eu sempre fui leitora. Eu sempre adquiri livros... Então, isso me valeu demais, de modo que eu logo fui convidada para eu ir para a chapa da ADUFCE. E aí participei de umas reuniões, e a coisa foi se tornando mais séria, que já não era a chapa só, mas era encabeçar a chapa. Pronto. Aceitei. Era Associação. Foi um período de muito aprendizado. Eu destaco quatro coisas desse período. Era uma Associação. Então, é um período em que é transformada em sessão sindical de um sindicato nacional. Isso foi uma luta. Professor universitário não é trabalhador? Não se compreende como trabalhador? Imagina eu dizer para aquele cara, que era um dos maiores matemáticos do país, que ele ia se tornar sindicalista. Isto é uma coisa, isso é herético. Mas aí vamos trabalhando... Então, o ponto um, foi transformar em seção sindical. O ponto dois, e mais dificultoso, foi a filiação a uma central sindical. Este foi dificultoso... A terceira coisa, foi uma ação muito vigorosa. Eram

54 departamentos, eu andei nos 54. Eu fui a primeira dirigente da ADUFCE que pedi o afastamento das tarefas de docência para me dedicar integralmente a essa lida sindical, porque era um trabalho docente. E aquilo foi um alvoroço na reitoria e não sei o quê. Não me interessa. Eu tenho direito de estar aqui, a lei e tal e tal. São dois anos. Então, me dediquei integralmente. Foi um tempo muito difícil para um sindicalismo docente. Porque Fernando Henrique era um acadêmico. Era um laureado. Quem eram os ministros de Fernando Henrique Cardoso? Como o maior físico do Brasil estava ali como ministro da Ciência e da Tecnologia, ou foi dele, ou foi no Collor? Não tem grande diferença, mas eram grandes nomes da intelectualidade brasileira. Lembremos disso. Então, não era tarefa fácil, não é? E o torniquete se fechando, no sentido das verbas, no sentido... da disponibilidade para a formação docente, etc... E aí foi um tempo de muita luta. Foi um tempo em que, aí sim, eu me tornei militante do movimento estudantil. Eu, presidente da ADUFCE, pus toda a minha energia da sessão sindical para fazer a luta na rua... Então, pode parecer estranho, mas foi quando eu vivi muito fortemente o espírito da luta estudantil. Foi naquele momento de ver a potência da rua. Foi muito bacana, porque era para destituir, a palavra era fora. Era fora Collor... Então, foi muito bacana. E, ao mesmo tempo, a ADUFCE era muito... Nós fizemos uma boa reforma nas instalações... Era uma casinha muito linda, fizemos um jardim muito bonito, tinha um restaurante. E o bar era igualmente frequentado por estudantes e professores... Foi muito bacana. E muita luta. E de permeio, a Universidade sob Intervenção. É nomeado um interventor, que não é o primeiro dessa tal consulta, que não é eleição, é uma consulta. Então, teve reviravoltas, golpes dentro de golpes, ali na arquitetura do Conselho Superior, e esse homem amargou na nossa mão. Porque foi uma luta grande. Nós não demos refresco a ele nem um dia. Nem um dia nesses dois anos. Terminado esse período da ADUFCE, que foi de grande aprendizado... E a gente ampliou muito o conselho de representantes e muitos professores, as assembleias. Então, era muito comum uma assembleia com 400 professores. Para a entrada em greve, nós chegamos a ter assembleia, com 600 professores... Então, vinha muita força da categoria. Grandes greves. Imagine uma greve de 107 dias. Aquilo é uma coisa terrível, não é? Foi um momento muito bonito. Fizemos isso. Eu queria destacar ainda duas coisas. Tinha um grupo de trabalho chamado Ciência e Tecnologia. Tinha vários grupos de

trabalho. Política Educacional, Arte e Cultura, Ciência e Tecnologia. Esse Ciência e Tecnologia, lembro, que uma professora que muito, muito contribuiu, Sulamita Vieira. Ela é da Antropologia. E tinha já uma militância muito forte na SBPC. A SBPC foi um grande baluarte na luta contra os militares, contra a ditadura, não é? A SBPC e o Andes tiveram um grande papel, nada parecido com o que é hoje. Guardadas as diferenças. E a Sulamita, com outros colegas, fazia esse GT. Olha, nós trouxemos. Warwick Kerr, da biologia. Nós trouxemos Moises Nussenzveig, da Física. Nós trouxemos Ennio Candotti. Nós trouxemos uma pá de gente da melhor expressão da biologia, da química, da física, de tantas áreas do conhecimento... A gente cuidava de falar uma linguagem que atingisse os vários setores da universidade... Então, foi um momento que julgo notável.

**Ramon Maciel:** Como foi construída sua paixão pelos estudos do Movimento Operário na sua trajetória acadêmica? Na sua produção acadêmica?

**Adelaide Gonçalves:** Eu fiz questão, Ramon, de não chamar Movimento Operário, fiz questão de tentar cobrir o mais largamente que eu pudesse. Um estudo sobre a imprensa dos trabalhadores no Ceará, do meado do século XIX, por volta de 1860, indo até os anos de 1920, entrando um pouco em 1930. Então, fui para Santa Catarina. Fiquei lá, e aquilo foi um momento que me valeu muito. Eu tive muita mobilidade. Então, eu ia muito para Porto Alegre. E em Porto Alegre desenvolvi uma conversa muito frutuosa com os donos de sebo, são muitos os donos de sebo. Tive a imensa sorte de conhecer um homem notável chamado João Batista Marçal, que aprovisionava em sua própria casa, em Viamão, e ele tinha um cabedal enorme de jornais, em maioria anarquistas, como só acontece para essas primeiras grandes fases da imprensa, dos trabalhadores... Então, em Porto Alegre, tanto adquiri muitas edições de jornais, como também desenvolvi um diálogo muito frutuoso com uma das maiores historiadoras do Brasil, professora Silvia Regina Ferraz Petersen. Devo imenso a essa historiadora... Então, eu passei a ir muito a Buenos Aires, muito.... É isso que é uma pós-graduação, é quando você se descentra do que o jargão acadêmico chama de objeto, e você vai viver a vida. A vida que os livros podem lhe oferecer, ademais com o salário de professora e com a bolsa de pós-graduação, não é? Então, eu fiz esses trânsitos e, ainda, em Florianópolis comecei a me dedicar a fazer o *fac-símile* dos jornais que eu localizava. Numa editora lá em Florianópolis, por

exemplo, publiquei o Ceará Socialista, cujos exemplares, em maioria, localizei no arquivo do Movimento Operário Brasileiro, depositado em Milão. Em Milão. Eu faço um estudo introdutório, o livro está lá. Anos antes, eu tinha trazido à Fortaleza, eu trouxe muita gente para o Departamento de História, muita gente, antes da pós-graduação. Então, eu trouxe Vitor Leonardi. Um historiador que virou a minha cabeça. Não é que ele mudou a minha cabeça. Ele virou a minha cabeça... Tive grandes, enormes felicidades no sentido de encontros memoráveis. Conheci Edgar Rodrigues, que era já o maior nome como escrita da história do anarquismo no Brasil. Ele já tinha escrito quase uns 40 livros. E era um homem difícil no trato. E eu fiz o contato, consegui, caixa postal, não sei o quê, a partir de um livro dele, que é lançado em Santa Catarina. E aí fui ter com ele, no Rio de Janeiro. Marquei, fui para o Rio de Janeiro. Isso era por carta, que a gente se correspondia. Eu tenho essas cartinhas, e ele diz: "estarei na calçada da sede da Associação Brasileira de Imprensa, e na mão esquerda ou embaixo do braço levarei um envelope pardo." Quer dizer, isso era 1998, 1999. Quer dizer, ele estava ainda noutro tempo. Porque esse homem é de um tempo onde o anarquismo era proscrito, era perseguido. Então, ele me franqueou a biblioteca dele, pessoal, particular. Hoje, está na Europa, foi grandemente desfeita, infelizmente. E copiou ele mesmo, porque eu não pedia para tirar nenhum documento, ele copiou para mim. Foram muito mais de mil cópias de capas de jornais, sabe? Meu Deus do céu! Mas, a tese não virou uma tese sobre a imprensa anarquista, tornou-se imprensa dos trabalhadores, sendo que me puxa sensivelmente para estudar, de fato, o pensamento anarquista. Aí, por exemplo, estou no Rio de Janeiro, trabalhando na Biblioteca Nacional, pesquisando esses jornais do Ceará. Tem uma feira de livros ali, eu ia para Niterói. E tem uma feira de livros ali, na Praça 15, no chão, e eu fico olhando os livros e pego um livro da Maria Lacerda de Moura, autografado. 10 reais. Eu não acreditava que eu tinha aquele livro na mão. Adquiri o livro. Disse: "olha, esse livro eu vou levar, está muito barato. Paguei 20. E, também, editei. Fiz uma edição fac-similar desse livro. Então, com o pouco recurso que eu tive ao longo da vida, eu procurei muito dar vida a esses documentos... Um semestre, em 2003, e um ano, em 2004, eu segui para esse estágio de Pós-doc, em Coimbra, mas morando em Lisboa. E aí fui conhecer o arquivo do Movimento Operário Europeu, em Bonn, na Alemanha, com um grande capítulo para o Movimento

Operário Português, e dentro desse capítulo, encontro lá cartas do Moacir Caminha e dos brasileiros que se correspondiam... Então, fui a Bonn, na Alemanha, fui a Amsterdã, fiquei um mês dentro do arquivo de História Social, em Amsterdã. Quer dizer, o que é ficar um mês num arquivo desse? É uma imersão tão profunda conversando com pessoas que sabem histórias magníficas daqueles jornais, daquelas gravuras, daqueles livros... E um lugar que alterou muito a minha sensibilidade, onde eu comprei muitos livros, foi Barcelona. Sim, Barcelona era anarquista e era vermelha. Então, isso ampliou muito a minha sensibilidade... De modo que, para onde eu ia, eu voltava sempre... De Santa Catarina, a minha mudança, eu trouxe, portanto, de três anos e meio, eu trouxe dez estantes e seis mil livros. Foi uma mudança, de fato. Mudança com fiança até, me lembro bem. E de Lisboa, então, fui trazendo, trazendo, trazendo. Então, foi um período que eu amealhei pelo menos uns 2 mil livros, não é? Então, essa foi a minha vida que vai, portanto, esse acervo vai, portanto, para dentro do lugar onde eu morava, e aí já não podia mais ficar dentro de uma morada privada. E aí foi quando nasceu o Plebeu.

**Tyrone Cândido:** Então, em 2012 foi criado o Plebeu, o gabinete de leitura, que é uma riquíssima biblioteca social que logo se tornou uma referência para pesquisadores das universidades, das escolas e dos movimentos sociais. Você poderia discorrer um pouco sobre a formação do Plebeu Gabinete de Leitura?

**Adelaide Gonçalves:** Então, era já um acervo muito vasto, porque, para além de livros, tinham muitos documentos, muitas cópias, também, feitas nesses arquivos, e, portanto, fui para o centro da cidade... Fui para salas alugadas. Na sequência, a entidade que é proprietária do prédio, a Associação Cearense de Imprensa, chamou-me para o quinto andar, com bom espaço, e contigua à biblioteca da própria entidade, que estava em condições que precisava ser cuidada. Então, o Plebeu, essa experiência, que é também um modo, são várias coisas ao mesmo tempo, vou destacar aqui algumas. É um modo, também, de me religar naquilo que é possível a essa sensibilidade dos salões do século XIX.,, Então, o Plebeu Gabinete de Leitura está completando 13 anos, nasceu no 1º de maio. Também, era um modo de assinalar as datas magnas do calendário social, da luta dos trabalhadores, não é? E tem essa coisa de tentar nos religar a essa sensibilidade primeva desses salões de orientação vária, dos trabalhadores, o zelo. Em segundo lugar, ter a preocupação de fazer as edições

fac-similares... Então, tem histórias assinaláveis, essa coisa de dar a conhecer esses fac-símiles. Nós temos o Ceará Socialista, o Demolidor, O Combate. São três jornais anarquistas, e esse, O Demolidor, que é o primeiro jornalzinho anticlerical do Ceará, claramente anticlerical, muito influenciado pelo jornal A Lanterna, do Rio de Janeiro, não é? Então, publiquei, publicamos outras coisas. Já falei da Maria Lacerda de Moura, publicamos várias outras coisas... Então, o plebeu vai juntando livros, juntando livros, reunindo um grande acervo, literatura, história, história do movimento operário. Vai crescendo a questão agrária, porque vai crescendo a entrada a partir também dos nossos interesses de leitura e da nossa militância. Mas a minha militância vai se aproximando do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, do MST. Portanto, a entrada da questão agrária vai se alargando... Algumas estantes vão crescendo a partir também das leituras que são fundamentais, não ditadas pelo cânone. Também, pela nossa escolha pessoal. É evidente que o Antônio Cândido tem uma prateleira, depois duas, depois uma estante, depois duas estantes... As mulheres têm um lugar de cimeira, as mulheres e o feminismo. Portugal tem lugar, mas não é o Portugal metropolitano, é o Portugal dos anarquistas, é o Portugal da intelectualidade de esquerda e essas grandes obras. É claro, tem lá a história de Portugal em 15 volumes, tem lá essa literatura que eu acho primacial para nós brasileiros, Alves Redol, Jose Rodrigues Miguez, Agustina Bessa-Luís, enfim, muitos nomes, muitos nomes. África cresce, Áfricas crescem. História Social da Pobreza vai crescendo, vai crescendo seca, vai dependendo muito também das minhas viagens, dos meus interesses, não é? É claro, vou para a Feira do Livro em Havana, aí toda a roupa que eu levo, eu deixo. Tudo, tudo, tudo, tudo. Deixo tudo e trago só livros. Então, é claro que eu trouxe de Havana, em quatro volumes, uma obra magnífica do José Martí, editada em braile. Então são livros grandes. A obra dele é escrita no século XIX, dedicada aos meninos e meninas de Nuestra América. Ele já tinha essa sensibilidade no seu tempo, oitocentista. Então, vão crescendo. Thompson tem a sua estante. O Thompson é uma figura que alterou a minha vida completamente, seus livros, suas entrevistas, a beleza dele, esse ar performático dele. É um homem completamente performático... Então está ali o Thompson, e vão chegando os que escreveram sobre o Thompson e tal... Então, o Plebeu é isso, tem muita coisa bacana... E por que Plebeu Gabinete de Leitura? Muitas pessoas perguntam por que esse nome. Como eu disse, essa

coisa do século XIX, essa homenagem... e era muito comum, também, esses espaços serem chamados de gabinetes de leitura. O IPU tinha o seu gabinete de leitura, Viçosa tinha o seu gabinete de leitura, Fortaleza tinha o seu gabinete de leitura. Só que esses gabinetes de leitura, no Ceará, o de Fortaleza, por exemplo, eu escrevi em algum lugar, trabalhadores no comércio, chamados cacheiros, não podiam ler os jornais na sala de leitura, não podiam. Eles podiam ir lá, deixar alguma coisa, fazer alguma entrega, mas ler, não. Então, a gente fez essa homenagem. E é plebeu, porque isso foi uma grande amiga. Qual é o nome que vamos dar à biblioteca e tal? Aí apareceram os nomes muito convencionais, não dava certo. Nome de pessoa, nem pensar... Aí teve essa conversa, um dia, nós em um grupinho ali, 10 pessoas no máximo. Ora, o rei, escapando lá do modo como escapou aos franceses, atravessa com as perucas, e os chapéus, e os brocados, e a sua biblioteca. Para este tempo muito esquisito, quando o reino se instala na colônia. Aí começaram a ter essas bibliotecas famosas para o período. Rio de Janeiro, São Luís do Maranhão, Salvador, Recife, em Pernambuco, são os que eu conheço. Pode ser que tenham outros, mas eu não conheço. Que era o Real Gabinete de Leitura. Então, a vingança da história, o nosso é Plebeu Gabinete de Leitura... Então, o plebeu é uma coisa que não tem absolutamente nenhuma ligação com avareza em termos do livro, tampouco, com bibliomania, tampouco, com bibliofilia, senão com um grande amor aos livros, que eu adquiri desde a infância, estimulada pelo meu pai, era um senhor muito bacana. O meu pai se foi em 2009. Ele era barbeiro.

**Viviane Prado:** Conte-nos um pouco de como foi seu encontro com o MST, como foi a sua atuação no Movimento e, também, em uma produção historiográfica sobre os movimentos camponeses.

**Adelaide Gonçalves:** Então, ainda fazendo a graduação, o encontro do MST se dá antes do MST, mas daquilo que seria o MST. Ainda na graduação, estudante de graduação, como disse lá atrás, nessa nossa conversa, ingresso no Movimento Cearense contra a Carestia, que tornar-se-á... Então, tem aí uma perspectiva institucional, partidária, que não pode ser olvidada, que transforma-se no movimento pró-PT, pró-Partido dos Trabalhadores. Estamos falando de 78, 79, não é? Então, a minha tarefa, a tarefa que coube a mim, que foi muito boa, foi formar as comissões provisórias no interior do Ceará. De modo que foi aí o meu encontro grande, eu que sou do interior, que sou do sertão, com as

Comunidades Eclesiais de Base. Esse enorme fermento... Então, é aí que se dá, de fato, a minha formação. A minha formação no Partido dos Trabalhadores não se deu não se deu por dentro das correntes que vêm dos partidos, PCBR, não sei o quê, dos comunistas, dos trotskistas, etc., se dá por meio das Comunidades Eclesiais de Base, e fundamentalmente, do trabalho pastoral que é realizado na diocese de Crateús... E, portanto, a dedicação ao MST vai se tornar mais forte a partir de 1996, 1997. Entrados os anos 2000, 2003, 2004, cresce de importância na minha vida, na minha dedicação. E tenho, portanto, grandes amigos, grandes amigas, camaradas mesmo, no MST. E nessa militância na educação do campo, no feminismo camponês, na agroecologia... Conheço todas as escolas do Ceará, são 12 escolas do campo do Ceará. Lindas escolas, todas muito bonitas. E as escolas nacionais, eu não conheço todas... Mas, conheço as duas que, para mim, são as fundadoras. Uma, a primeira, ela hoje está em Viamão, é uma escola belíssima, chama Instituto de Educação Josué de Castro. É o primeiro centro de formação do Movimento. Eu estive lá esse ano. A biblioteca, é uma biblioteca belíssima. 20 mil títulos, biblioteca José Martí. E a Escola Nacional Florestan Fernandes. A Florestan completa 20 anos. Não sei se tem equivalente no mundo à Escola Nacional Florestan Fernandes, não sei. Pode ser que tenha, eu não conheço, não é? A Escola Nacional é muito potente, o projeto, muito potente, eu vou lá todo ano, às vezes mais que uma vez por ano... A escola é Florestan, por razões óbvias. É um grande intelectual brasileiro, pobre, preto, autodidata. A história do Florestan é talvez a história mais bonita de um intelectual brasileiro que se fez, se fez como grande intelectual, nunca arredou pé, de seu caminho, então, enfim, eu tenho essa militância permanente no movimento. No ano passado, nós fizemos um seminário interno muito bom, muito potente para os 40 anos do MST... Enfim, tem ali um trabalho meu, alguns apontamentos sobre a memória subversiva, o MST e essas grandes aproximações. Então, eu devo muito ao Movimento e às suas relações, como a Comissão Pastoral da Terra, a CPT, e conhecer o pensamento de figuras como Dom Pedro Casaldáliga e outros grandes intelectuais desse tronco da teologia da libertação... E algumas coisas, são coisas que mudam, alteram completamente a sua sensibilidade, que você não pode mais alcançar um perfil acadêmico. Você tem que se livrar desse tipo de perspectiva... Então, tem coisas que são fundamentais da minha formação a partir dessa minha relação com o MST, nomeadamente essa tentativa que vem

sendo feita ao longo dos 40 anos, já são 40 anos, de atualização do programa de luta da reforma agrária popular, da agroecologia, do feminismo camponês, da luta contra o patriarcado. Portanto, esse alargamento na perspectiva da luta social, é claro. Sou muito dedicada ao Movimento... Conheço bem o Movimento no norte do país, conheço bem no Maranhão, conheço bem no sul do país, seja no Rio Grande, seja em Santa Catarina, em São Paulo. Um pouco menos no Rio. E, no Ceará, acho que conheço de *lés a lés*. É isso.

---

***Viviane Prado Bezerra***

Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (DINTER UFF/URCA - 2020). Possui Mestrado em História Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2008). Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2004). É Professora Adjunta do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas de História Oral - Memórias no Plural, do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. É Editora-chefe da Revista Historiar, Revista Eletrônica do Curso de História da UVA. Foi Docente Orientadora do Programa Institucional Residência Pedagógica do curso de História da UVA durante os anos 2020 a 2022 e 2022 a 2024. Atua nos campos de pesquisa de História Social, com ênfase em Movimentos Sociais, Camponeses, História das Mulheres, História Oral e História da Educação.

**Lattes:**

<http://lattes.cnpq.br/6556005645513836>

---

***Francisco Ramon de Matos Maciel***

Possui graduação em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2010) e mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2013). Doutor pelo programa de pós-graduação em história social da Universidade Federal do Ceará (2020). Atualmente está como professor temporário do curso de História da Universidade Estadual do Vale do

Acarau. Pesquisa nas seguintes áreas: História do Brasil Império e República; História do Ceará; história agrária; seca, retirantes; migrações, movimentos sociais, trabalhadores, política popular e subalternidade.

**Lattes:**

<http://lattes.cnpq.br/1210647449446611>

---

***Tyrone Apollo Pontes Cândido***

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (1999), mestrado (2002) e doutorado (2014) em História Social pela mesma universidade. Desde 2007 é professor da Universidade Estadual do Ceará, na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC, em Quixadá, onde faz parte do colegiado do Mestrado Interdisciplinar de História e Letras (MIHL). É professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em História da UFC. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social do Trabalho, discutindo principalmente os seguintes temas: retirantes, secas, obras de socorros públicos, cultura operária, violência, justiça popular, revoltas sociais e classes subalternas. Na FECLESC-UECE coordena o Grupo de Estudo "História dos Sertões: Trabalho, Cultura e Sociedade" e ministra disciplinas na área de Teoria e Metodologia da História. No Departamento de História da UFC participa como vice-líder e pesquisador do Grupo de Pesquisa "Seca, Cultura e Movimentos Sociais". Bolsista de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e à Inovação Tecnológica - BPI pela FUNCAP. Fez estágio pós-doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unicamp (2019-2020). Coordenador da seção do Ceará do GT Mundos do Trabalho - Associação Nacional de História do Trabalho

**Lattes:**

<http://lattes.cnpq.br/1087699078002007>

---

---

***Adelaide Maria Gonçalves Pereira***

Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). Pós-Doutorado no Instituto de História e Teoria das Idéias, da Universidade de Coimbra. Professora Titular do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará.. Professora do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da UFC. Professora da Escola Nacional Florestan Fernandes do MST-Brasil.

**Lattes:**

<http://lattes.cnpq.br/8012319362966987>

---